

A MATÉRIA DE NOSSAS VIDAS

As coisas começaram a sair do comum assim que Ben Spilgerman levantou-se da cama pela madrugada. O rapaz não costumava acordar antes das dez horas, só que justo naquele sábado, uma insônia resolveu tomá-lo por volta das três. O trabalho o deixava exausto, é claro, mas é justamente o que se pode esperar de um jornalista de sucesso, ou ao menos é o que se espera. Isto é, se Ben possuísse prestígio na carreira.

Benjamin S. Spilgerman cursou jornalismo e assim que terminou a faculdade, encontrou um emprego meia boca num jornal de uma cidade do interior, para a qual se mudou e dedicou seus últimos seis meses a troco de um salário mínimo. Claro, numa cidadezinha como aquelas, não é preciso muito para se viver, mas com a mixaria que ele ganhava não se podia desejar muitos luxos em sua rotina.

Seu apartamento (alugado) estava caindo aos pedaços. A tinta da parede da sala estava descascando e o encanamento já havia sido problemático algumas vezes. A residência contava com uma “glamorosa” suíte, cujo banheiro era dividido com um morcego que se recusara sair dali desde os moradores anteriores. Ben até se deu ao trabalho de apelidá-lo de Bob.

Nem é difícil acreditar que Bob, o morcego, possuía uma vida mais aventureira que seu colega de quarto. Mas Benjamin agora tinha esperanças de tornar-se renomado. O assunto perfeito “caíra do céu” quando ele menos esperava. Tratava-se de um caso de assassinato de prostitutas na região.

Num padrão, durante madrugadas, uma prostituta era morta com um corte limpo na garganta e tinha seus olhos arrancados. Tempos depois, se podia encontrar os olhos nos mais inusitados lugares, espalhados pela cidade.

Como foi citado, era sábado, mas Ben ainda tinha de trabalhar. Ele e o assistente combinaram de se encontrar no local do último assassinato logo cedo.

Assim que o sol surgiu no horizonte, o rapaz saiu de casa para aproveitar e tomar um café antes de encontrar o amigo. Por sorte, a lanchonete que gostava de frequentar estava a duas quadras do ponto combinado.

De longe já se podia ver um homem de baixa estatura de frente a catedral, trajando um sobretudo com as mãos no bolso. Aquele era Joshua Rutfilger, mais novo que Ben, mas entraram na mesma época para o jornal. As pessoas costumavam chamá-lo de Josh. Logo que avistou o parceiro, os dois foram de encontro um ao outro.

— Mesmo padrão. A vítima foi assassinada silenciosamente com um corte no pescoço. O que tem a dizer? — Disse Josh.

— Eu?! — Indagou — Ah, amigo, você sabe... Uma das coisas que mais gosto das pessoas é sua capacidade de me surpreender.

— Claro... Enfim, já olhei o lugar e, a não ser que a polícia tenha omitido algo, não há nada de especial aqui.

— Tem certeza? Um detalhe passou por despercebido. — observou Ben — Esta é a segunda morte na semana. Se compararmos o padrão com as mortes anteriores, é como se o *serial killer* estivesse seguindo uma rota.

— Uma rota? Ben, os locais do crime tem sido aleatórios; não consigo identificar nenhuma característica em comum neles.

— Não vê características em comum? Abra seus olhos, Josh, estamos em frente à catedral. Não é a primeira vez que nos encontramos em uma igreja. Semana passada o crime aconteceu numa esquina próxima a uma capela, bem como o do começo dessa semana.

— Mesmo assim, como essas pistas podem ter conexão umas com as outras? Digo, não é como se um assassino rezasse pelas vítimas. Além disso, e os olhos arrancados?

— Não é preciso uma razão. Talvez ele só esteja se divertindo.

— Uma diversão um tanto quanto peculiar, meu amigo. — Joshua retrucou — Mas se os assassinatos mantêm mesmo esse padrão, os locais dos próximos crimes são bem previsíveis, não?! Quero dizer, não há muitas igrejas num fim de mundo como essa cidade.

— Se considerarmos os pontos anteriores, nos resta três capelas pela cidade. — Ben disse.

— Duas. Uma das capelas a qual você se refere fica muito perto de um condomínio. Não há pontos de prostituição naquele lugar.

— Pois bem, se queremos uma matéria de verdade que nos impulse na carreira, temos que dedicar tudo de nós para o assunto. Devíamos ficar de campana para observar mais de perto o caso.

— Sendo assim, também devemos nos dividir. Uma das capelas fica bem próxima de seu apartamento. É melhor você ficar com ela.

— Estratégico, de fato... Mas esteja pronto para chamar a polícia a qualquer momento. Não podemos deixar com que nada de mais grave aconteça com mais uma mulher.

— Estarei Ben, tome cuidado você também. Enfim, estou indo, tenha um bom dia. — Despediu-se Joshua, encerrando o diálogo.

Como havia ficado esquematizado, Benjamin montou vigia no local combinado e os dois trocaram informações por quatro dias, porém, nesse prazo, nada de anormal havia acontecido.

Joshua já não estava com a determinação de sempre, mas após o quinto dia de guarda, ele recebeu um recado do colega:

“Aconteceu, Josh! Ele deve ter chegado quando eu peguei no sono; não estava me aguentando em pé. Só soube por boatos na rua.”

O rapaz logo tirou a conclusão de que a última morte seria no seu ponto de vigia. Sem dúvidas, agora seu desânimo fora substituído por excitação. A ansiedade o tomara e ele só conseguiu dormir pela tarde devido aos cinco dias de sono atrasado. Não demorou até que ele levantasse e se preparasse para observar naquela noite, a capela pela qual ficara responsável.

Joshua se escondeu num ponto de ônibus coberto que tinha uma visão bem ampla da área possível para o ataque. O rapaz já passou naquela rua algumas vezes e percebeu, claramente, a quantidade de prostitutas que haviam parado de trabalhar por ali. Os boatos das mortes provocaram inquietação e pânico.

De uma hora até às três e meia, a única coisa diferente que acontecera foi o fato de que uma das prostitutas — a mais feia e maltratada — finalmente encontrou um cliente. Havia ainda outras duas, porém, uma desistiu e foi embora. A terceira não ficou tão calma quando fora deixada sozinha. Pensou algumas vezes em sair dali, mas hesitou.

Josh era outro que quase foi para casa algumas vezes, mas algo suspeito finalmente aconteceu. Uma figura encapuzada foi em direção à mulher, mas ela tomou distância com passos largos e rápidos, porém a pessoa correu atrás dela e seu enorme salto derrubou-a na calçada. Antes que pudesse se levantar, o suspeito agarrou seu braço que tentava agredi-lo e empunhou uma faca curta na outra mão.

O jovem jornalista deu um salto do banco em que se encontrava e gritou:

— EI! Pare aí!

No momento de desconcentração do suspeito, a vítima se aproveitou para fugir.

— “Ei, pare aí”?! É isso que tem a dizer pra um cara armado? — respondeu a figura encapuzada.

— Espera aí! Sua voz... Não acredito! Ben?!

O capuz foi puxado para trás e o rosto ficou a mostra. Era mesmo Benjamin, que esboçava na cara um sorriso malicioso.

— Que idiota. Não achei que fosse ficar de guarda no dia seguinte a um assassinato. Achei que pensasse que o criminoso tomasse um tempo antes de agir. — Ben.

— Ei, cara. Não, não é possível. Não pode ser você, não da pra ser você. Uma pessoa direita. Alguém em quem eu confiava!

— Confiança? O mundo não nos ensina a confiar nas pessoas, Josh. As pessoas são cruéis e egoístas. Nunca se pode confiar totalmente em alguém.

— Mas... Mas por quê?

— Não seja estúpido. Essa vida miserável não deveria pertencer a ninguém. Por quê?! Porque eu quis, é claro. Estávamos sem a porcaria de uma matéria e eu cansei dessa vidinha de interior. Pare de pensar pequeno. Com essa história podemos mudar de emprego e até sair dessa porcaria de cidade. Agora venha e me ajude. Aquela *puta* vai fugir.

— “*Putá*”? Você sempre foi esse louco e psicopata ou sua ambição lhe deixou cego? A mão que eu apertei tantas vezes em cumprimento não pode ser a mesma mão que se banhou no sangue daquelas mulheres. Esse não é você!

— Que discurso mais repetitivo, amigo. Essa história de sermão tem tanta importância para mim quanto a matéria que escrevemos mês passado sobre o aniversário daquele velho de 102 anos. — Lembrou o rapaz — Todas as pessoas são ruins, portanto, o conceito de ruim ou mau é falho. Não tardará para que aflore em você um sentimento incontrolável de se provar. No fim é isso, Joshua, não passa de uma necessidade de ser reconhecido.

— Não dá pra saciar essa necessidade de forma menos egoísta? Matará-me também, caso eu me recuse a ajudá-lo?!

— Morrer não deve ser tão ruim. Se for pior do que viver nesse mundo, a humanidade não passa de um brinquedo mal cuidado e esquecido. Não gosto de acreditar que a morte é pior que a vida, porque ela sempre me transmitiu a ideia de sossego.

O barulho de uma viatura era fraco, mas se aproximava com velocidade.

— Aquela vadia foi a uma delegacia... Bem, é hora de decidir, amigo. Demorar só irá nos meter num grande problema. — Disse Ben.

— Sabe que não dá para fugir sozinho agora. Sem minha ajuda, você não pode ir muito longe. Por que não desiste?

— Tem razão. Como eu disse, a morte me parece mais vantajosa que viver, ainda mais num presídio. Bem... Não se culpe por isso, parceiro.

— Como assim? Me culpar de q...

— Fique você com a matéria de nossas vidas. — Dito isso, Benjamin fincou em seu peito a faca que possuía em mãos e rasgou-o, fazendo com que seu corpo eclodisse em sangue. Uma cena bárbara e tenebrosa. A palavra que melhor a descreve é *inesquecível*.

Josh gritou para que parasse, mas o colega caiu morto sem demora. A polícia finalmente chegou ao local e solicitou o depoimento da testemunha.

Meses depois, o caso comovera a todos e a matéria fora publicada por Josh, que agora havia se tornado um renomado jornalista. Quando publicou sobre o caso, o mesmo não deixou de mencionar a participação de seu falecido amigo no texto.

A única coisa que Joshua nunca havia compreendido era o motivo de arrancar os olhos das vítimas e os locais escolhidos para os assassinatos. Mas agora já não fazia sentido pensar naquilo.

R.D.P.